

As escolhas (im)possíveis, valores e a luta pela sobrevivência no contexto do genocídio nazista durante a II Guerra Mundial

The (im)possible choices, values and the fight for survival in the context of the Nazi genocide during World War II

ANITA BRUMER

Professora aposentada e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista Sênior do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

RESUMO no quadro do genocídio nazista durante a segunda guerra mundial, o objetivo principal deste artigo é examinar o paradoxo da ida voluntária de uma pessoa para um campo de concentração. Parte-se da história de uma mulher judia alemã que foi voluntariamente para Theresienstadt e depois para Auschwitz e das histórias de outras mulheres que tiveram experiências semelhantes para examinar como, num quadro de perseguições e assassinatos sistemáticos, a tentativa de sobreviver podia ser acompanhada de ações de solidariedade, afeto e proteção a familiares mais fracos. A análise fundamenta-se no quadro de referência da ação racional, formulada pelo sociólogo alemão Max Weber, através da qual se procura demonstrar a racionalidade da ida voluntária para um campo de trabalho ou de extermínio com base no desejo de viver (finalidade) e nos valores afetivos e de solidariedade a outras pessoas (ação racional com referência a valores).

PALAVRAS-CHAVE sobrevivente do Holocausto; Sociologia da Ação Social; Theresienstadt; Auschwitz; marcha da morte.

ABSTRACT in the context of the Nazi genocide during World War II, the main purpose of this article is to examine the paradox of a person going voluntarily to a concentration camp. The article's main personage is a German Jewish woman who went voluntarily first to Theresienstadt and then to Auschwitz and includes also the stories of a few other women who had similar experience within the Nazi's persecution and mass murder contexts. We attempt to show how the attempt to survive can be accompanied by actions of solidarity, affection and family protection. The analysis is based on the framework of rational action, formulated by the German sociologist Max Weber, which seeks to demonstrate the rationality of joining voluntarily the transport to a labor camp or death camp based on the desire to live (purpose) and affective values and solidarity to other people (rational action with reference to values).

KEYWORDS holocaust survivor; Max Weber's social action theory; Theresienstadt; Auschwitz; death march.

Introdução

ESTE ARTIGO BASEIA-SE NA HISTÓRIA DE ELLA MICHEL, UMA SOBREVIVENTE DO Holocausto que imigrou para o Brasil em 1946, depois de ter passado por três campos de concentração entre março de 1943 e abril de 1945.¹ Meu interesse pela história de Ella Michel foi despertado pelo relato sobre ela ter ido por sua própria vontade para os campos de concentração de Theresienstadt² e Auschwitz³. O que poderia tê-la levado a fazer isso? Como explicar sua ida voluntária a um campo de concentração? Quais os fatores que contribuíram para sua sobrevivência? Há relatos de outras pessoas que também foram voluntariamente a um campo de concentração?

Hoje, quando se conhecem os fatos ocorridos há mais de 70 anos e os registros sobre as péssimas condições de vida nos campos e sobre o genocídio sistemático e de caráter industrial cometido pelos nazistas, a história de Ella parece ora inverossímil, ora difícil de ser compreendida. Depois de ler o livro em que Ariel Magnus, neto de Ella Michel, relata sua história e dar andamento à pesquisa, formulei a hipótese de que as decisões de Ella podem ser interpretadas como ações racionais com referência a fins e a valores, com base na Teoria da Ação desenvolvida pelo sociólogo alemão Max Weber.

A classificação de ação social em quatro tipos de orientação da conduta social dos indivíduos, por Max Weber, está na base do conteúdo empírico de *Economia e Sociedade*, considerada pelo autor como um esquema típico ideal, “que pode servir de padrão para a medição de desvios irracionais”. Os tipos de ação social são: 1) **Ação racional com relação a fins**, na qual “o indivíduo calcula racionalmente os resultados prováveis de um determinado ato em termos do cálculo de meios adequados a um dado fim”. Este tipo de orientação da ação social ocorre quando o indivíduo precisa alcançar um determinado objetivo e avalia a eficiência relativa dos meios alternativos existentes e as consequências de sua utilização. 2) **Ação racional de valor**, orientada por um ideal dominante, desprezando todas as outras considerações. “Todas as ações que se subordinam exclusivamente a ideias dominantes de dever, honra ou dedicação a uma ‘causa’ aproximam-se deste tipo”. 3) **Ação afetiva**, que é a ação executada sob a influência da emoção, situando-se na fronteira da conduta significativa com a conduta não significativa. Partilha com a ação racional de valor a característica de o significado da ação não se situar na instrumentalidade dos meios para alcançar determinados fins, como acontece na conduta racional nos propósitos, mas na execução do

ato por seu próprio valor. 4) **Ação tradicional**, aquela executada sob influência do costume e do hábito. “O significado deste tipo de ação deriva de ideais ou símbolos que não têm a forma coerente e definida dos que orientam a conduta racional de valor”. (GIDDENS, 1974, pp. 212-214)

O principal objetivo deste trabalho é, assim, explicitar a racionalidade das ações de Ella Michel, com base na orientação teórica de Max Weber, mas também na orientação metodológica de Michael Pollak (2010), que destaca, entre outros aspectos, que a análise de um depoimento deve levar em conta os contextos em que os fatos relatados ocorreram. Os objetivos do artigo contemplam ainda a descrição e a análise da história de Ella Michel, com destaque para aspectos como: a luta pela sobrevivência em campos de concentração, características de sobreviventes do Holocausto, a dificuldade de falar sobre o sofrimento, a falta de liberdade e os abusos à dignidade humana vivenciados pelos prisioneiros de campos de concentração.

A análise baseia-se em quatro fontes de informação: 1) o relato da história da sobrevivente do Holocausto Ella Michel no livro *La abuela*, escrito por Ariel Magnus; 2) o testemunho de Ella Michel para a *Shoah Foundation*; 3) a literatura sobre a vida na Alemanha depois de 1933, quando Hitler assumiu o poder, especialmente entre 1938 e 1944; 4) testemunhos de mulheres que viveram na Alemanha nazista até os primeiros meses de 1943 e relatos sobre mulheres que foram voluntariamente para um campo de concentração.

Comecei a pesquisa com a leitura do livro *La abuela*,⁴ em que Ariel Magnus relata parcialmente a história de sua avó Ella Michel, com base em conversas que manteve com ela, no texto-depoimento-diário de cerca de cinco páginas que ela escreveu em alemão durante a viagem de navio que a trouxe ao Brasil em 1946 e no depoimento

que ela deu em 1996, em português, a um entrevistador argentino, como parte de uma ampla coleta de depoimentos de sobreviventes do Holocausto em diversos países, realizada na segunda metade dos anos 1990 pela *Fundação Shoah para História Visual e Educação*, fundada pelo cineasta Steven Spielberg em 1994 (LERNER, 2013, p. 19). Descubri o nome da avó de Ariel Magnus, chamada de Emma em seu livro, a partir da informação de que ela vivia sozinha no sul do Brasil e que tinha várias amigas judias alemãs (MAGNUS, 2006, p. 16) e do posterior contato com uma amiga minha, judia alemã de Porto Alegre, cuja mãe foi amiga de Ella Michel e que a conhecia relativamente bem, assim como também conhecia seu filho que vivia nesta cidade. Graças a suas informações, conversei com seu filho por telefone, que confirmou todas as informações de que eu dispunha até aquele momento. Também busquei o vídeo com o depoimento de Ella (Michel) Mayer⁵ no site da *Fundação Shoah*, mas, naquela oportunidade, pude ter acesso somente à indexação dos termos sobre os quais ela havia falado.⁶ Posteriormente, assisti ao vídeo com o depoimento de Ella Michel, no *Yad Vashem* em Jerusalém (Israel), o que me permitiu ouvir sua história de forma direta (fonte primária), confrontar partes deste depoimento com o relato sobre ele no livro de Ariel Magnus (fonte secundária) e observar a maneira como Ella falava de sua mãe e dos fatos que vivenciou. Procurando entender os fatos relatados por Ariel Magnus e por Ella Michel, li ainda diversos relatos de sobreviventes do Holocausto, entre os quais estão os depoimentos de mulheres sobreviventes entrevistadas por Michel Pollak individualmente e por ele em conjunto com Gehrard Botz, e comentados por ambos (BOTZ; POLLAK, 1982; POLLAK, 1990, 1992, 2010).

As fontes de informações para a pesquisa merecem alguns comentários.

Primeiramente, é preciso destacar que Ariel Magnus baseou a história de sua avó em conversas que teve com ela em diferentes oportunidades, na leitura de seu diário de cinco páginas em alemão, traduzido por ele do alemão ao espanhol e reproduzido no livro (MAGNUS, 2006), e no testemunho da avó gravado em vídeo, no qual o entrevistador faz perguntas em espanhol e ela responde em português.

O diário de Ella Michel, lido para o neto, começa assim:

Um diário íntimo se escreve na realidade durante a pré-adolescência, que eu deixei para trás há sete anos. Apesar de que esses anos foram de sofrimento para mim, quero colocá-los por escrito para, em anos posteriores, quando talvez seja feliz, lembrar-me deles. Hoje, 27 de setembro de 1946, o *Fidra* zarpa de Rouen, uma cidade pequena e bela, hoje um monte de escombros. Já não se pode ver o lugar onde executaram Joana D'Arc. 28 de setembro. Hoje se completam nove dias desde que deixei meus muitos e bons amigos em Estocolmo. Quantos países sobrevoei neste tempo! O voo foi muito bom, mas o mais lindo foi que em Paris pudemos descer. Neste momento estamos na desembocadura do Sena ao lado de Le Havre, do outro lado Cherbourg. Agora entramos no canal inglês, no horizonte vê-se a costa inglesa. 29 de setembro. O *Fidra* move-se violentamente, todos os meus companheiros de viagem estão de cama. (...)

[Ariel comenta: "Havia concluído a leitura da primeira página, quer seguir para a próxima, mas divaga, são três folhas soltas escritas dos dois lados, que não consegue colocar em ordem."][Ella relata:] No navio operei. Eles sabiam que eu era enfermeira e a cozinheira tinha algo na mão. O capitão disse que estávamos em contato com

outro navio e que o médico me daria instruções. Eu tinha meu bisturi e as luvas, tudo. Nesta época era necessário tomar pastilhas de penicilina a cada três horas. Fiquei acordada dia e noite e curei-a. (...)

[Ella recomeça a leitura] Enquanto que em Auschwitz esperávamos dia e noite em uma fila interminável para que nos numerassem... e caem bombas... [fatos relatados em outra parte deste artigo] (MAGNUS, 2006, p. 61)⁷

Quando Ella Michel começou a ler o que havia escrito sobre a chegada em Auschwitz, Ariel comenta: “Então me dou conta de que a avó começou a leitura do diário pela liberação e com sua juventude e que recém agora, lendo o que havia escrito, como se de outra maneira não fosse possível, chega pela primeira vez a Auschwitz”. (MAGNUS, 2006, p. 61)

Ariel Magnus é jornalista e, com a história de sua avó, antes de pretender refletir sobre o Holocausto ou contar a história de mais um sobrevivente, teve como tema uma avó e seu neto, pretendendo contar tanto a história da avó como reproduzir sua forma de contá-la. (MAGNUS, 2006, pp. 7-8) A entrevista não correu linearmente, principalmente por abordar temas que faziam a entrevistada lembrar e sofrer. A respeito da entrevista que estava fazendo com ela em Garopaba, Santa Catarina, Ariel comenta:

No terceiro dia de entrevista, a avó levantou queixando-se novamente de que não tinha podido dormir. Disse que queria ir para sua casa e que só ficava em Garopaba para terminar ‘o nosso’. Que se soubesse onde ficava a estação de ônibus (ela sabia perfeitamente) já teria ido embora. Queixou-se que no dia anterior eu não lhe havia levado as anotações, aos poucos consegui convencê-la a continuar conversando e gravamos um se-

gundo cassete. Cada vez que tornava a perguntar-lhe sobre algum tema a respeito do qual já havíamos falado, cada vez que não entendia algo ou me passava por *boludo* (tolo), a avó ficava furiosa: “Não me escutas, tenho que gritar, não posso estar repetindo todo o tempo, não tenho força”. Ou: “Sabes que me estás torturando, não deverias fazer isso”. Ou: “Não me perguntes mais, estou cansada de que me incomodes”. Insistia que eu lhe estava arrancando o cabelo, que abusava dela para fazer meus *Geschäfte*, meus negócios, mas é certo que entre maldição e maldição ia completando suas lembranças com novos detalhes, às vezes com relatos inteiros. Falava alguns minutos, ameaçava de que não falaria mais, falava novamente, ameaçava outra vez, continuava contando. [Depois de um dia em que não retomou a entrevista], antes de dormir a avó aproximou-se e perguntou quando terminaríamos com ‘o nosso’ e eu lhe disse que no dia seguinte. (...) em algum lugar de minha consciência sentia que efetivamente a estava torturando. Com certeza, ela havia dormido mais do que dizia, minhas perguntas não a machucavam tanto e não acreditava que eu estava rindo dela, mas o certo é que era suficiente que uma fração de tudo isso respondesse ao que realmente sentia para que minha insistência tomasse ares de violação de sua intimidade. Eu me perguntava: Com que direito lhe faço revolver lembranças que não a fazem feliz? Tive que admitir que a desculpa de que o fazia por ela havia caducado, algo no assunto me interessava pessoalmente. Por muito evidente que agora parecesse, custava-me (e continua custando-me) aceitar que não era apenas a história de minha avó, mas também de minha relação com ela e com seu passado o que agora estava vindo à luz. É que até então nunca tinha me dado conta daquilo que minha avó havia vivido. Apesar de

que meus pais não cansassem de lembrar-me dos seus sofrimentos, apesar de que cada pessoa a quem contava sua história ficasse boquiaberta, o certo é que eu me sentia muito mais próximo da tragédia de meus amigos com pais desaparecidos [durante a ditadura argentina] que da minha própria história familiar. Sempre me senti mais filho da Esmá [Escola de Mecânica da Armada, argentina] do que neto de Auschwitz, por assim dizer. (MAGNUS, 2006, pp. 113-114)

De todas as formas, a sensação compartilhada de que a entrevista ainda não havia terminado era um claro indício de que estávamos em sintonia, a avó e eu. Significava (...) que havíamos começado a compartilhar uma história que não cessa, uma história à qual se retorna de vez em quando buscando um ponto final inexistente, ilusório. (MAGNUS, 2006, pp. 114-115)

Antes de concluir o livro, Ariel teve oportunidade de encontrar a avó em São Paulo e ler-lhe a versão quase final de seu manuscrito. Segue seu relato sobre esta leitura:

A leitura durou oito horas seguidas, com uma pequena pausa para almoçar. Durante as primeiras quatro [horas], a avó seguia minhas palavras com uma atenção quase preocupante. Nunca em minha vida alguém da família havia dado tanta importância ao que eu havia escrito. Acompanhava com assentimentos de cabeça suas declarações durante a entrevista, como que aprovando sua própria história e mais de uma vez me interrompeu para comentar em certa passagem o mesmo que já constava da passagem imediatamente anterior. Às dificuldades em castelhano ela prestava uma atenção mais volátil, mas a cada vez que eu teria preferido ir adiante ela me fazia parar e eu traduzia em alemão um par de frases sempre cruciais.

Eu me esforçava para ler lenta e calmamente para que ela me entendesse, mas em algum momento me dei conta de que, além disso, havia adotado o tom tolamente jocoso de quem lê um texto durante uma festa de *barmitzvá*, modalidade involuntária que me irritou enormemente mas da qual não soube como me safar. Apenas então entendi quão difícil é ler [um texto] a alguma pessoa em tom neutro quando esta pessoa é a matéria do que estamos lendo, e agradei a mim mesmo por ter trazido comigo a versão adocicada do manuscrito. (MAGNUS, 2006, pp. 143-144)

Quando soube que [o texto do livro] era definitivo, [a avó] pediu-me que mudasse seu nome e seus lugares de nascimento e de residência. [À pergunta de por que queria isso] respondeu que lhe dava medo. O que é que te dá medo? Não sei, eu sempre tive medo. (...) Exceto [a questão] do anonimato, suas objeções limitaram-se a datas e lugares geográficos e a um ou outro matiz de linguagem. Em troca, elogiou o *Gefühl*, a sensibilidade do texto, confessando-me que não acreditava que eu fosse uma pessoa sensível e destacou o humor com que a retratava, ainda que discordasse [de meu comentário] de que ela se vestia mal. (...) No final, me propôs o título do livro: *Oma Emma, ein kurvenreich Leben*, "Vó Emma, uma vida cheia de curvas". (MAGNUS, 2006, pp. 144-145)

Os problemas detectados no depoimento de Ella (Michel) Mayer à Shoah Foundation foram a duração da entrevista, a dificuldade de comunicação entre a entrevistada e o entrevistador, as perguntas feitas e a falta de preparação para ela. A entrevista durou 1 hora, 35 minutos e 10 segundos e é claramente insuficiente para descrever a vida da entrevistada na Alemanha após 1933 e nos campos de concentração pelos quais passou. Primeiramente,

havia um problema de comunicação, detectado por Ariel Magnus, que afirma que a *Fundação Shoah* havia entrevistado sua avó em 1996, mas “com tão pouco tato que enviaram para a entrevista uma pessoa que nem sabia pronunciar corretamente Hitler em alemão”, e assim, “obrigada a responder, a avó, que só falava alemão e que em sessenta anos de exílio somente consegue fazer-se entender por seus conterrâneos brasileiros”, saiu furiosa da entrevista (MAGNUS, 2006, pp. 21-22). Em segundo lugar, ao assistir ao vídeo com o depoimento de Ella (Michel) Mayer, percebi que, embora ele contivesse informações relevantes e compreensíveis para quem fala português, o entrevistador seguia um roteiro de entrevista pré-elaborado e não tentou aprofundar temas abordados pela entrevistada nem formular questões novas. Quando esta entrevista é comparada com aquela realizada por Michael Pollak com Anna K.⁸, a entrevista com Ella Michel tem uma marca de fragilidade, por ter sido demasiadamente curta, realizada num único encontro, para o qual não houve preparação prévia.

Procurei superar as dificuldades com as fontes de informação sobre a vida de Ella Michel com os depoimentos de mulheres entrevistadas por Michael Pollak⁹ e com relatos sobre o contexto da Alemanha no decorrer da II Guerra Mundial e as ações dos nazistas para eliminar os judeus, comunistas, homossexuais e outras minorias raciais de todos os países por eles ocupados, e sobre os campos de concentração.

O contexto da vida dos judeus na Alemanha nazista

O resgate da história de Ella possibilita não só revisar documentos e histórias de outros sobreviventes do Holocausto como procurar entender as condições vivenciadas pelos judeus alemães na Ale-

manha nazista que procuravam sobreviver face à perspectiva de extermínio massivo que os ameaçava. Como refere Pollak, devido às diferentes medidas de discriminação profissional, boicote de lojas de judeus, exclusão da função pública e da magistratura, desde 1933, assim como as leis sociais de Nuremberg,¹⁰ cerca de 40% da população judia recenseada na Alemanha emigrou entre 1933 e 1939. “As estatísticas para Berlim, estabelecidas por Bruno Blau, recenseiam 172.672 pessoas judias (4,3% da população) em 1925, 160.564 (3,8%) em 1933 e 75.344 (1,7%) em 1939.” (BLAU, 1946, p. 3 *apud* POLLAK, 2010, p. 13) Embora alguns judeus alemães tenham encontrado esconderijos entre pessoas amigas ou uniram-se a grupos de resistência à sanha nazista, a maioria deles foi concentrada em guetos e em campos de trabalho e morta por fome, doença ou por assassinatos massivos. Fora da Alemanha, também foram documentados assassinatos em massa, tanto nos povoados (*shtetlech*) onde viviam judeus na Polônia, Ucrânia, Lituânia e outros países do Leste europeu como em campos de extermínio (ver, por exemplo, FRIEDLANDER, 1994; e HARRAN, 2000).¹¹

Ella Michel fazia parte de um pequeno grupo de judeus alemães que se mantiveram vivendo na Alemanha até os primeiros meses de 1943, por trabalharem em instituições judaicas autorizadas. Esses trabalhadores apresentavam algumas características específicas. Como mostra Kaplan (1998, p. 30), após a vitória de Hitler nas eleições de 1933, na Alemanha, jovens e mulheres – por serem ‘mais adaptáveis’, ‘terem menos inibições’, serem mais propensos a entrar em programas de treinamento e mais dispostos a mudar suas vidas para ajustar-se aos tempos do que homens com mais de 50 anos – encontravam trabalho com maior facilidade. Entre os postos de trabalho disponíveis estavam empregos em centros judaicos à medida que

outros judeus começavam a emigrar e no setor de serviços sociais judaicos, que estava em expansão, assim como – após a edição das leis de Nuremberg – no serviço doméstico ou cuidado de idosos e doentes em famílias judias. Entre 1933 e 1939, a porcentagem de judeus empregados em trabalhos manuais passou de 8% para 56% (KAPLAN, 1998, p. 31). Ao mesmo tempo, assim como aumentava o desemprego, principalmente em áreas com maiores proporções de imigrantes judeus do leste europeu, aumentava a pobreza, o que levava à expansão de serviços sociais voltados à população judaica necessitada.

A história de Ella Michel

Ariel Magnus escreveu um livro instigante sobre sua avó, com a qual conversou em visitas periódicas dela a Buenos Aires, onde vivia a filha, mãe de Ariel, em uma visita de Ariel a Porto Alegre, onde Ella residia,¹² em encontros familiares em Garopaba, Santa Catarina, e em São Paulo, assim como durante uma estadia dela em Berlim, onde ele e a esposa se encontravam. A história de Ella Michel foi complementada por Magnus com a entrevista que ela deu à *Shoah Foundation* em 1996.

Ella Michel nasceu em Westhofen (Hesse, Alemanha), em 19 de setembro de 1920, trabalhou como enfermeira no hospital judaico de Hamburgo e foi transferida para o campo de concentração de Theresienstadt em março de 1943 e para o campo de extermínio de Auschwitz em outubro de 1944. Participou da marcha de evacuação deste campo e chegou a Bergen-Belsen,¹³ de onde foi libertada pelas forças armadas britânicas em 15 de abril de 1945, quando já estava no limite de suas forças. Em julho de 1945, foi enviada para um campo de refugiados na Suécia. Veio para o Brasil em 1946, fixando-se em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

No ano seguinte, casou-se com Franz Mayer, com o qual teve dois filhos, Edgar e Eliane. Ella Michel faleceu em Porto Alegre e foi enterrada em 3/11/2013 no cemitério Centro Israelita desta cidade.

A história desta sobrevivente do Holocausto pode ser contraposta à de Ruth A., entrevistada por Michael Pollak em sua pesquisa sobre mulheres sobreviventes do Holocausto, cuja história foi originalmente publicada na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (1986)¹⁴ e reproduzida na revista *WebMosaica* em 2010: ambas eram judias e trabalharam na administração da comunidade judaica alemã até os primeiros meses de 1943, quando a maioria dos seus concidadãos já havia emigrado ou sido encaminhada a campos de concentração e/ou de extermínio.

Assim como Ruth, Ella tinha muita dificuldade em falar sobre o que ocorreu no campo de trabalhos forçados de Auschwitz. Em lugar disso, ela preferiu ler ao neto o pequeno texto que escrevera durante a viagem no navio que a trouxe ao Brasil e responder a algumas de suas perguntas. Num determinado ponto, a avó parou a leitura do texto, e Magnus concluiu: “Se não fosse ela a leitora, penso, este final seria inadmissivelmente cruel, inclusive em uma novela.” (MAGNUS, 2006, p. 65) A este respeito, Viktor Emil Frankl – psicólogo que passou por experiências semelhantes às de Ella, principalmente durante o aprisionamento em Auschwitz, onde foram submetidos a trabalho forçado e abundaram os eventos de tortura, violência física, humilhações, alimentação insuficiente e falta de vestimentas adequadas ao frio – acrescenta: “A atitude dos sobreviventes não é sempre fácil de compreender. (...) Não é necessária nenhuma explicação para quem esteve num campo, e a quem não esteve jamais conseguiremos explicar o que havia dentro de nós, nem tampouco o que continuamos sentindo hoje.” (FRANKL, 1984, p. 8)

No final do livro, Ariel Magnus resume a história de sua avó¹⁵:

A avó nasceu em 1920, com nove anos foi estudar na escola (Liceo) em Wuppertal, mais tarde precisou retornar a sua aldeia para ajudar a sua mãe [que estava ficando cega], em 1937 fugiu com ela a Wuppertal, em outubro de 1938 foi contratada pelo hospital judaico de Hamburgo e diplomou-se em enfermagem em 1940, de acordo com suas lembranças do último grupo de enfermeiras judias reconhecidas pelo estado alemão. Sua irmã, que em abril de 1942 foi deportada e assassinada em Lublin, viveu com uma tia, irmã de sua mãe, uma pianista que se casou com 'um alemão' (um não judeu, na linguagem da avó) e morreu nos bombardeios de maio de 1943 (...). Seu pai, que combateu na Primeira Guerra Mundial, um homem aparentemente dado a jogar e a quem a avó quase não conheceu, foi visto pela última vez em Buchenwald.¹⁶ Sua mãe, que ficou cega e estava internada numa casa geriátrica de Wuppertal, foi deportada a Theresienstadt.

Cartas (...) comprovam que já em 1941 a avó tentou conseguir que algum familiar lhe conseguisse um emprego nos Estados Unidos e que até o último momento contou com esta possibilidade. Em um telegrama enviado através da Cruz Vermelha em 6 de fevereiro de 1943 escreve: "Ainda não recebi notícias. Espero ansiosamente". Ainda que se suponha que tenha recebido ofertas, em março de 1943 a avó decidiu ir em busca de sua mãe e voluntariamente subiu num trem em direção a Theresienstadt, onde se reencontrou com ela. Quando esta foi deportada a Auschwitz em outubro de 1944, tornou a acompanhá-la voluntariamente. Fez a primeira viagem junto com feridos da Primeira Guerra Mundial; a segunda com pessoas cegas. Em Auschwitz quis novamente acom-

panhar sua mãe, desta vez ao crematório, mas um oficial feriu sua mandíbula com uma patada e a mandou para a fila dos salvos. Quando iam marcar-lhe o número, os bombardeios obrigaram a evacuar o campo. Junto com os demais prisioneiros, fez uma longa viagem, parte em trem e parte a pé, até que foi liberada em Bergen-Belsen. Fazendo-se passar por austríaca, chegou a um campo de refugiados na Suécia. Ali, depois de cumprir a quarentena obrigatória, trabalhou cuidando de uma mulher idosa. Este emprego foi conseguido através da filha de um idoso que ela havia cuidado em Hamburgo antes da guerra e cujo endereço a avó reteve na cabeça durante todos esses anos. (...)

Ela teria preferido emigrar aos Estados Unidos; quando seus parentes pelo lado paterno, emigrados a esse país antes da guerra, leram seu nome no jornal *Aufbau*, escreveram a outros parentes do Brasil (com melhor situação econômica) e deles a avó recebeu o convite para ir para a América do Sul. Partiu para lá em setembro de 1946 do porto de Rouen [França]. (MAGNUS, 2006, pp. 126-128)

A complexidade da decisão de integrar um transporte para um campo de concentração nazista

Como foi mencionado acima, um dos aspectos que chamaram minha atenção na leitura do livro de Ariel Magnus foi a deportação voluntária de Ella Michel para o campo de concentração de Theresienstadt, em busca de sua mãe cega (Berta Michel), e seguindo com ela, também por vontade própria, quando ela foi incluída num transporte para Auschwitz.

Embora raros, há relatos de outros prisioneiros e/ou sobreviventes que também foram a um campo de concentração de forma voluntária. No caso de Hertha Spier (nascida em 1918), sua irmã Gisi

(nascida em 1911) acompanhou-a no trem de carga que deixava o campo de Plaszow¹⁷ em direção a Auschwitz, para cumprir a promessa feita ao pai de proteger a irmã menor. As duas haviam ficado em grupos diferentes quando as prisioneiras do campo de Plaszow foram reunidas de madrugada no *Appelplatz*, e Hertha havia sido incluída num *Transport*. Quando se encontraram no trem, Gisi disse à sua irmã menor: “Vi você entrando... Me aproximei aos poucos, enquanto os guardas se preocupavam com o embarque do vagão de trás. Aí houve uma pequena agitação em torno de uma pessoa que desmaiava. Eles pensaram que era uma tentativa de fuga, então aproveitei e corri para dentro...”. (DINIZ, 2002, pp.121-123) Gisi não sobreviveu ao genocídio nazista.

Outra prisioneira do campo de Theresienstadt a ir por decisão própria a Auschwitz foi a artista e professora Friedl Dicker Brandeis, que ensinou desenho, como prática da arte terapia, a meninas prisioneiras daquele campo. Quando o marido de Friedl, Pavel Brandeis, foi deportado de Theresienstadt em setembro de 1944, ela voluntariamente inscreveu-se para o transporte seguinte. Em 6 de outubro de 1944, Friedl Dicker Brandeis e 60 de suas alunas foram enviadas a Auschwitz, onde Friedl e a maioria das meninas foram assassinadas logo após a chegada. (ELSBY, s.d.)

Para procurar entender a ida voluntária de Ella Michel a Theresienstadt, valho-me de informações sobre o contexto da Alemanha nazista e examino a questão do (des)conhecimento sobre as atrocidades cometidas pelos nazistas pela população alemã e de algumas decisões tomadas por Ella naquele contexto.

Considero útil o relato da sobrevivente Ruth A., entrevistada por Michael Pollak e que, antes de sua deportação para Auschwitz, trabalhava para uma entidade judaica em Berlim, uma vez que Ella

Michel também trabalhava numa instituição judaica em Hamburgo. Essas instituições foram fechadas nos primeiros meses de 1943 e seus trabalhadores foram aprisionados e enviados para campos de concentração.

Como diz Ruth A., “a diferença entre os comboios que partiam em direção a Theresienstadt e para o ‘Leste’ já era conhecida, pois nos primeiros eram admitidos apenas dignitários e velhos; Theresienstadt era considerado como alguma coisa de relativamente melhor. E a partir de 1941, os rumores sobre seu destino real, o extermínio, se ampliam”. (POLLAK, 2010, p. 9).

Ella Michel, por outro lado, disse ao neto: “eu também não sabia de tudo, vivia fechada no hospital” (MAGNUS, 2006, p. 59) No entanto, ela demonstrou conhecer a incerteza e o risco de permanecer em Hamburgo após a ida dos sobreviventes da I Guerra Mundial que eram tratados no hospital judaico, pois, desde os primeiros anos em que lá esteve (a partir de 1938), “eram cada vez mais os que se exilavam, no final, ficamos apenas poucas enfermeiras; algumas se suicidavam”; “o cuidado de doentes no hospital era muito difícil, caíam bombas e não havia comida suficiente, todo o dia morria alguém”. (depoimento de Ella Michel à *Fundação Shoah*) Já havia indícios de que o *Transport* para o qual se voluntariou era um dos últimos transportes de judeus de Hamburgo para o Leste.

Desde o final dos anos 1930, Ella Michel examinou outras possibilidades. Entre essas, estava emigrar e, para que isso fosse possível, seria necessário conseguir uma carta-convite de alguém que vivia no exterior. Ela chegou a pensar em ir para a Inglaterra (“Eu poderia ter ido para a Inglaterra como *au pair*, mas não queria deixar minha mãe”), para os Estados Unidos (em 1941, ela enviou cartas a parentes nos Estados Unidos, pedindo que lhe arrumassem um emprego) e para o Brasil,

onde tinha parentes (“Quando começou a emigração, minha mãe disse que não queria ir para o Brasil por causa dos mosquitos”). Ela não conseguiu nenhuma carta-convite naquele período. (MAGNUS, 2006, p. 47)

Sobre sua decisão de ir a Theresienstadt, no contexto do fechamento do hospital onde trabalhava e da inexistência de opções de emigrar ou conseguir outro trabalho, ela declara:

Eu estava em Hamburgo, no Hospital, como enfermeira e ainda não estava no *Transport*. Eu tinha a sensação de que minha mãe estava em Theresienstadt. Se não [fosse assim], eu não teria me proposto [a ir] voluntariamente... já estava quase no final. (MAGNUS, 2006, p. 45).

Em suas conversas com o neto, Ella Michel falou sobre sua viagem a Theresienstadt:

Eu fui [para o Campo] em '43 ou '44, era um dos últimos transportes Hamburgo-Theresienstadt. A viagem durou dois dias, os últimos seis quilômetros a partir da fronteira nós fizemos caminhando. Nosso trem foi por Halle, ali os SS abriram as portas e me disseram: “Enfermeira, busque água, assim essa gente não morre de sede”. Porque eu fui com um furgão de gado com pessoas que estiveram na Primeira Guerra Mundial, condecorados com o EK 1 [Cruz de Ferro de Primeira Classe], que os alemães deram aos feridos na Primeira Guerra. Os judeus que estiveram na guerra foram protegidos até o final, depois os colocaram num *Transport*, a alguns faltava uma perna, um braço... Eles levaram suas condecorações e em Theresienstadt elas foram arrancadas. (MAGNUS, 2006, p. 45)

Sobre o caráter voluntário da ida de Ella Michel

a Theresienstadt, é possível formular a hipótese de uma escolha racional face às condições existentes em Hamburgo (e na Alemanha), nos primeiros meses de 1943 e a vontade de buscar a companhia da mãe e de protegê-la. Da mesma forma, Ella Michel demonstrou ter tomado decisões racionais quando escolheu a profissão de enfermeira – em seu depoimento à *Fundação Shoah* disse que, por ser judia, só havia três profissões possíveis: ser enfermeira, ser operária (trabalhar em fábrica) ou trabalhar em casa de famílias judias. Enquanto esperava encontrar um trabalho como enfermeira, Ella Michel trabalhou durante um ano cuidando de uma mulher idosa. Quando viu o anúncio, num jornal judaico, de uma vaga para enfermeira no Hospital Judaico de Hamburgo, escreveu uma carta ao hospital, candidatando-se ao cargo, mesmo sem preencher todas as condições requeridas. Assim, conforme o relato de seu neto, afirmou ter 18 anos, quando ainda lhe faltavam seis meses para isso, e disse ter o mínimo de altura requerido, 1,52m, quando media alguns centímetros menos, 1,48m ou 1,49m. Ela foi aceita para trabalhar naquele hospital, o que contribuiu para salvar sua vida, tendo em vista que, por um lado, a atividade era considerada como necessária à produção de guerra, o que lhe permitiu sobreviver em Hamburgo até os primeiros meses de 1943, antes de ser enviada para o campo de Theresienstadt, e, por outro lado, que poucas pessoas sobreviviam mais de alguns meses às condições de trabalho escravo a que eram submetidos os prisioneiros de Auschwitz e de outros campos de trabalho.

Em seu depoimento à *Fundação Shoah*, fica evidente também a solidariedade de Ella Michel em relação aos outros (“quando ajudava os outros se sentia recompensada”), mas principalmente em relação à mãe, que tinha glaucoma e enxergava muito pouco, ficando cega posteriormente, a quem

ela queria proteger. Enquanto trabalhava no Hospital Judaico de Hamburgo, conseguiu um período de férias e foi ver a mãe, que se encontrava num asilo de idosos em Wuppertal. Em 1942, em outro período de férias, mesmo sem saber onde estava a mãe, ela viajou novamente para ver parentes:

Eu não sabia de nada, nem de minha mãe... Só minha irmã me chamou e eu queria estar com ela. Queriam separar as famílias, eu não podia ir a Wuppertal, nem com minha mãe nem com minha irmã. Tinha férias e viajei novamente ao sul da Alemanha para visitar a todos os parentes... (À pergunta do neto se ela podia viajar, ela responde) Eu estava com o uniforme de enfermeira. Mas eu acredito que não se podia [viajar]. Eu tinha a estrela. Desde 19 de setembro de 1941 tínhamos que levá-la, lembro disso porque foi o dia em que completei 21 anos. O trem estava cheio de soldados e eles me diziam “não queres comer algo?”. Eu me sentei num canto. O primeiro que fiz foi ir até os avós de Ray [o avô de Ray era primo de Bertha Michel, mãe de Ella]. Eles tinham muito dinheiro e poderiam ter saído da Alemanha, mas o avô disse: “Nos escondemos em algum lugar, pagamos bem e vamos sobreviver...”. [Na viagem de volta], viajava de noite. Estava cheio de militares. (...) Eu tinha medo, mas queria ver os parentes. (MAGNUS, 2006, p. 46)

Ao final da guerra, Ella Michel também teve uma atitude racional, ao saber que tratavam mal os alemães, mesmo tratando-se de prisioneiros judeus. De acordo com seu relato a Ariel Magnus, “uma companheira do campo, Eva, me fez passar por austríaca. Disse-me: ‘Cala a boca, vou dizer que sois de Viena, distrito 10’. E assim pude ir à Suécia.” (MAGNUS, 2006, p. 112).

Em seu relato, Ruth A. informa: “Em outubro

de 1942, a própria comunidade judia teve que propor uma lista de 1000 pessoas para um comboio. Destino desconhecido, como sempre” (POLLAK, 2010, p. 20). Pollak complementa: “Após a deportação de sua mãe, no início de 1943, Ruth e Karl [marido de Ruth A.] são aprisionados nas “ações de usinas”, quando os operários judeus, até então protegidos por seu estatuto de trabalhadores indispensáveis à produção de guerra, são presos em seu local de trabalho.” E Ruth continua:

Em 23 de março de 1943, ocorreu a grande ação de deportação dos operários e do pessoal da comunidade judaica. Nesse dia, meu marido não fora trabalhar. Como uma caixa caíra no pé, ele não podia caminhar. E quando eles vieram procurar todo mundo, ele não estava lá. E em 26 de março, alguns dias mais tarde, oficiais da comunidade judia vieram nos procurar, com um caminhão de mudanças. Nós pegamos nossas mochilas, já preparadas. Pediram-nos para levar todas as nossas ferramentas de trabalho. E meu marido efetivamente pegou todos os medicamentos que ele ainda tinha. Nesse caminhão já estavam reunidas outras pessoas e eles continuavam a procurar. (POLLAK, 2010, p. 22)

Inicialmente, nós devíamos ser enviados a Theresienstadt, com papéis verdes, como todos os antigos combatentes condecorados. Meu marido era condecorado com a Cruz de Ferro, primeira classe. E depois eles procuraram dois outros médicos, para acompanhar outro comboio para o Leste. E eu protestei junto aos organizadores da comunidade judia. Mas eles não me escutaram. Nosso direito de sermos enviados a Theresienstadt não contava mais: eles tinham necessidade de médicos e nos mudaram de comboio. Em contrapartida, se eu ousa dizer, eles deram para mim também a braçadeira de médico. (POLLAK, 2010, p. 22)

Ao comentar os argumentos de Ruth A. – que se aplicam também aos de Ella Michel –, Pollak diz que “essa entrevista confirma a importância, para a sobrevivência, de saberes práticos, de competências linguísticas e da capacidade de decodificar rapidamente situações e relações que contam tanto quanto os recursos de ordem intelectual e moral invocados por Bruno Bettelheim, em 1979”. (POLLAK, 2010, p. 46).

De acordo com Botz e Pollack (1992),

a análise feita por Bruno Bettelheim sobre as chances de sobrevivência na situação de opressão extrema mostra que elas dependem muito da força que o prisioneiro consegue opor aos mecanismos de desintegração de sua personalidade. Esta desintegração, que começa com o choque do aprisionamento e a perda do conjunto de relações sociais, família, amigos, relações de trabalho, que são o fundamento de sua existência, é reforçada permanentemente por mecanismos de humilhação, como a maneira como passam a ser chamados e a perda dos títulos profissionais e honoríficos: privados das marcas elementares do respeito (que, no contexto dos costumes alemães da época, tinham importância), os internos deviam, ao contrário, tratar respeitosamente seus guardiões e eram severamente punidos por qualquer erro cometido no uso dos títulos a eles destinados; eles também eram submetidos a múltiplas humilhações, que poderiam ir até à tortura. Além disso, a permanente vigência do arbitrário não lhes permitia estabelecer relações sociais relativamente previsíveis com os demais prisioneiros ou com seus guardiões, o que lhes interditava qualquer estratégia racional de sobrevivência. (BOTZ; POLLAK, 1982, p. 25)

Para Bettelheim, apenas os prisioneiros que con-

seguiam preservar seu amor-próprio eram capazes de suportar por longo tempo o tratamento a eles infligido no campo, cujos objetivos eram destruir o autorrespeito e o prazer de viver e transformar o interno num ser dócil. A negligência e o abandono da higiene e dos cuidados corporais eram indicadores da perda de esperança. (BOTZ; POLLAK, 1982, pp. 25-26)

Quando Ella Michel chegou a Theresienstadt, foi colocada em quarentena, junto com os demais prisioneiros de seu transporte. Depois, foi levada para uma peça dentro de um quartel com outras enfermeiras, a *Genikaserne*, que ficava no andar acima do local onde estavam os prisioneiros doentes do pulmão. A mãe trabalhava em Glimmer (Mica), um vidro especial que só é sentido pelos cegos, e vivia no albergue para cegos. (MAGNUS, 2006, p. 105) A comida era uma sopa aguada, e elas passavam fome.

Ella decidiu acompanhar a mãe no transporte que saía de Theresienstadt para Auschwitz depois de pedir ao rabino Dr. Baeck, que participava da preparação das listas de prisioneiros do *Transport*, que retirasse sua mãe da lista e ele lhe dizer que, caso fizesse isso, outra pessoa precisaria substituí-la, alguém com melhor condição física que ela.¹⁸ A ação de Ella, então, baseava-se nos elementos disponíveis à sua escolha e em sua dedicação à mãe e consistia numa ação racional baseada em valores, na qual mesclavam-se a ação afetiva e “cumprimento de dever” com a intenção de, ao mesmo tempo, proteger a mãe e não prejudicar outra pessoa.

De acordo com Magnus, a avó disse: “Eu fui voluntariamente para Auschwitz, não sabia o que era, quer dizer, sabia que era um campo de trabalho, nada mais”. (MAGNUS, 2006, p. 103) No depoimento à *Fundação Shoah*, Ella esclarece que, em Theresienstadt, sabia-se que existiam campos de extermínios e que Auschwitz era um campo de

trabalho e de extermínio, com base em relatos dos tchecos que faziam os transportes para lá. Quando chegaram a Auschwitz e ela e a mãe foram separadas, Ella pensou que elas seriam mortas por gás. Depois, quando viu a roupa da mãe, soube que ela já estava morta.

Viktor Frankl (1984), outro sobrevivente do campo de trabalho forçado de Auschwitz, oferece mais detalhes sobre a vida naquele campo e a respeito da substituição de prisioneiros nas listas dos transportes:

É violenta a luta pelo pão de cada dia e pela preservação e salvação da vida. Luta-se sem dó nem piedade pelos próprios interesses, sejam eles do indivíduo ou do seu grupo mais íntimo de amigos. Suponhamos, por exemplo, que seja iminente um transporte para levar certo número de internados para outro campo de concentração, segundo a versão oficial, mas há boas razões para supor que o destino seja a câmara de gás, porque o transporte de pessoas doentes e fracas representa uma seleção dos prisioneiros incapacitados de trabalhar, que deverão ser dizimados num campo maior, equipado com câmaras de gás e crematório. É neste momento que estoura a guerra de todos contra todos, ou melhor, de uns grupos e panelinhas contra outros. Cada qual procura proteger-se a si mesmo ou os que lhe são chegados, pô-los a salvo do transporte, “requisitá-los” no último momento da lista do transporte. Um fato está claro para todos: para aquele que for salvo desta maneira, outro terá que entrar na lista. (FRANKL, 1984, p. 6)

Podemos dar resposta a esta pergunta tanto baseados na experiência como em caráter fundamental. A experiência da vida no campo de concentração mostrou-me que a pessoa pode muito bem agir “fora do esquema”. Haveria suficientes

exemplos, muitos deles heroicos, que demonstraram ser possível superar a apatia e reprimir a irritação; e continua existindo, portanto, um resquício de liberdade do espírito humano, de atitude livre do eu frente ao meio ambiente, mesmo nessa situação de coação aparentemente absoluta, tanto exterior como interior. Quem dos que passaram pelo campo de concentração não saberia falar daquelas figuras humanas que caminhavam pela área de formatura dos prisioneiros, ou de barracão em barracão, dando aqui uma palavra de carinho, entregando ali a última lasca de pão? E mesmo que tenham sido poucos, não deixam de constituir prova de que no campo de concentração pode-se privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas. E havia outra alternativa! A cada dia, a cada hora no campo de concentração havia milhares de oportunidades de concretizar esta decisão interior, uma decisão da pessoa contra ou a favor da sujeição aos poderes do ambiente que ameaçavam privá-la daquilo que é a sua característica mais intrínseca – sua liberdade – e que a induzem, com a renúncia à liberdade e à dignidade, a virar mero brinquedo e objeto das condições externas, deixando-se por elas cunhar um prisioneiro “típico” do campo de concentração. (FRANKL, 1984, p. 41)

Margareta Glass-Larsson, entrevistada por Botz e Pollak (1982, p. 12), comenta sua chegada em Auschwitz, corroborando o depoimento de Ella Michel a respeito do relativo desconhecimento sobre o que ocorria neste campo:

Com certeza, nós tínhamos ideias vagas, com base no que pudemos escutar em Theresienstadt. Eu fui preparada pelos SS de Theresienstadt e pelo “comandante” Fischer, que me havia dito

que me cortariam os cabelos e que nós não viveríamos lá por mais de quatro meses, indiferentemente se fossemos prisioneiros “políticos” ou “raciais”. Mas a ausência absoluta de informações deveria produzir um choque ainda mais terrível. No meu interior, entretanto, eu tinha sempre recusado admitir que aquilo pudesse ser verdadeiro. Eu havia construído minha própria versão e pensado: não, não existe isso de assassinar pessoas durante uma guerra. Elas são enviadas para trabalhar na Rússia. (MARGARETA GLASSLARSSON *apud* BOTZ e POLLAK, 1982, p. 12)

De acordo com Botz e Pollak, em muitos momentos durante a entrevista, Margareta disse ter tido informações precisas sobre as câmaras de gás antes de sua transferência para Auschwitz, mas que havia reprimido essas informações com vistas a conservar a esperança de sobreviver, apoiando-se nos rumores otimistas que circulavam nos campos de concentração, segundo os quais os prisioneiros não seriam mortos, uma vez que sua força de trabalho era necessária e que o regime temia uma oposição interna ao massacre sistemático. Todos esses rumores eram fundamentados em parte pelos conflitos que opunham, entre os SS, os ideólogos e os tecnocratas que defendiam a transformação dos campos em lugar de produção e, em 1941, sob pressão popular, criticavam o programa de eutanásia dos doentes mentais. (BOTZ; POLLAK, 1982, p. 13).

Um fato interessante é que Ella Michel não tinha um número tatuado em seu braço. Isso pode ser explicado primeiramente porque em Theresienstadt os prisioneiros não eram marcados com números nos braços e depois pelas circunstâncias de sua chegada a Auschwitz, que coincidiu com um bombardeio, que provocou a interrupção da tatuagem dos prisioneiros recém-chegados. Como diz Ella Michel:

Enquanto que em Auschwitz esperávamos dia e noite numa fila interminável para que nos numerassem (...) caem as bombas da Inglaterra, há um alarme aéreo, mas não nos deixam mover do nosso lugar. Cães com dentes afiados e as bocas dos fuzis desde a torre matam rápido. Os encarregados da vigilância fogem para os refúgios (*bunkers*). Nós trememos de frio, apenas um vestido de linho e o que tem sorte uma velha calça. Às vezes também um par de chinelos. Após o final do alarme, umas mil mulheres sem tatuagem, só com um cartaz com o número, somos empurradas em fila como animais premiados em grupos de cem em furgões de gado, e quando não há mais espaço num vagão de quarta classe. Viajamos apertadas, umas bem ao lado das outras. Dias e dias sempre pelas vias do trem por Oberchlesien e paramos em Trachtenberg [Zmigrod, Polônia]. Sem pão seco nem água somos golpeadas e empurradas com paus pela SS e pelo Junvolk [o exército de jovens de Hitler] através de povoados desertos. (*Diário de Ella Michel apud* MAGNUS, 2006, p. 61)

Ella Michel não deu muitas informações sobre sua vida em Theresienstadt, além do fato de ter trabalhado como enfermeira. Nesta situação, seria possível imaginar que tivesse melhor alimentação e acesso a remédios e cuidados médicos, essenciais à sobrevivência, tendo em vista os surtos de febre tifoide e tifo que ocorriam no campo e a possibilidade de apropriar-se de remédios para serem trocados por comida. Esta situação privilegiada, no entanto, foi negada pela sobrevivente:

Ach, sabes o que era isso? Nós [enfermeiras] também estávamos num quarto e sobre os catres. Nooo. De manhã cedo sair a trabalhar até a noite. E durante a noite muitas vezes também, quando

havia controles. Não se pode imaginar e o que alguém passou ninguém pode entender. (MAGNUS, 2006, p. 105)

À pergunta de Ariel sobre a diferença entre Theresienstadt e Auschwitz, Ella Michel respondeu: “Theresienstadt era controlada pela Cruz Vermelha. Passavas a mesma fome, mas eras um pouco mais gente.” (MAGNUS, 2006, p. 105)

Ainda que tivesse fome, [em Theresienstadt] eu trabalhava na barraca à noite. Recebia três, que em Alemão chamávamos de “americanos”, eles diziam Pernickel, eram coisas redondas com uma cobertura de açúcar, e dava-os à minha mãe. E um dia minha mãe sentiu algo duro na cama e disse: “Olha o que há ali”. Haviam lhe trazido ópio para frear a diarreia e então disse: “Sabes que por uma gota de ópio te dão duas rabanadas de pão?” Eu disse: “Mãe, farei isso por vós”. Porque havia muitos que contrabandeavam, os tchecos eram vivos, tínhamos muitos funcionários tchecos, alguns faziam passar comida, pão, alguns traziam uma torta e na torta havia batatas e assim eu podia ajudar um pouco. Qualquer coisa que querias comprar pagava-as com pão, quer dizer, pagavas com tua própria fome. (MAGNUS, 2006, p. 107)

De acordo com o relato de Ella Michel, o Dr. Baeck era mediador entre os prisioneiros e a *Schutztaffel* (SS).¹⁹ “O Dr. Baeck me deu sua benção quando decidi acompanhar voluntariamente minha mãe a Auschwitz, me disse: – Emma, *Du wirst es überleben*; ‘Emma, vais sobreviver’. Eu creio que isso me deu forças.” (MAGNUS, 2006, p. 106). À pergunta de Ariel: “Quando chegastes a Auschwitz e te separaram de tua mãe, foi a última vez que a vistes?”, Ella respondeu:

Sim, depois vi sua roupa entre aquelas que teríamos que colocar em ordem. E ela gritou: “Emma! Emma!”. O primeiro que fizeram foi tirar-lhe o relógio, mas esses eram os judeus... Nós estávamos na outra fila, minha mãe me chamava, e eu queria ir com ela e então ele [o SS que fazia a seleção dos prisioneiros quando chegavam ao campo, a quem, por ocasião depoimento à *Fundação Shoah*, ela identificou como sendo Mengele] me deu um golpe na cara. Se não [tivesse feito isso] teriam me queimado. (MAGNUS, 2006, p. 106)

A vida num campo de trabalhos forçados, como Auschwitz, era muito mais difícil do que a vida em Theresienstadt. De acordo com os registros do Museu do Holocausto de Washington (USA),

em Auschwitz, ao serem selecionadas para “trabalhar”, as vítimas poupadas do extermínio imediato eram privadas de sua identidade individual. Suas cabeças eram raspadas e um número de registro era tatuado nos seus braços esquerdos, como se fossem objetos. Os homens tinham que usar um tipo de pijama, calças e casacos listrados, esfarrapados, e as mulheres usavam uniforme de trabalho. Ambos recebiam calçados de trabalho inadequados, às vezes tamancos. Eles dormiam com as mesmas roupas que trabalhavam, pois não tinham outras.

Cada dia era uma luta pela sobrevivência em condições insuportáveis. Os prisioneiros eram alojados em barracões primitivos que não tinham janelas nem isolamento do frio ou do calor. Não havia banheiros, apenas um balde. Cada barracão continha cerca de 36 beliches de madeira, e cinco ou seis prisioneiros eram espremidos em cada estrado. O número de prisioneiros alojados em um único barracão chegava a 500. Eles viviam constantemente com fome. A comida era uma

sopa aguada feita com carne e vegetais podres, alguns pedaços de pão, um pouco de margarina, chá ou uma bebida amarga que parecia café. Com frequência os prisioneiros eram acometidos por diarreia. As pessoas, enfraquecidas pela desidratação e inanição, tornavam-se facilmente vítimas de doenças contagiosas que se espalhavam pelo campo.

Em Auschwitz, assim como em centenas de outros campos do Reich e da Europa ocupada, onde os alemães usavam trabalhadores escravos, os prisioneiros também eram empregados fora dos campos, em minas de carvão, pedreiras e em projetos de construção, cavando túneis e canais. Sob guarda armada, sem qualquer proteção contra o frio, eles removiam com pás a neve das estradas e escombros das ruas e cidades atingidas por bombardeios aéreos. Um grande número de trabalhadores forçados acabou sendo usado em fábricas, na produção de armas e outros produtos para os esforços de guerra alemães.

A maioria dos prisioneiros de Auschwitz sobrevivia por poucas semanas ou meses. Aqueles que estavam muito doentes ou fracos para trabalhar eram condenados à morte nas câmaras de gás. Alguns cometeram suicídio se atirando contra as cercas eletrificadas. Outros pareciam cadáveres ambulantes, com o corpo e o espírito destruídos. Porém, alguns prisioneiros estavam determinados a sobreviver. ("Auschwitz", *Enciclopédia do Holocausto*, em <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005189>. Consulta em 10 de outubro de 2014).

Botz e Pollack (1992, p. 13) adicionam:

As condições de vida e de higiene, muito piores em Auschwitz do que nos outros campos, reforçavam o sentimento de estar perto da morte. De

acordo com Höss, comandante de Auschwitz, o campo das mulheres era densamente povoado desde os primeiros dias de sua existência e as instalações sanitárias eram suficientes para atender apenas um terço das internas. Devido à falta de um sistema de esgotos, com frequência ocorriam epidemias de febre tifoide. As barracas eram habitadas por ratos, que atacavam as internas esgotadas, que não tinham nenhuma força de resistência, as "muçulmanas" (*Muselmänner*), como eram chamadas nas barracas hospitalares, reduzidas ao aspecto físico de esqueletos. Essas imagens do horror eram acentuadas pela música da orquestra do campo, uma dança macabra colocada em cena pelas SS e executadas pelas vítimas destinadas à morte.

No campo de Auschwitz, junto com outras mulheres que vieram de Theresienstadt, Ella Michel trabalhou no transporte de troncos de árvores, cada tronco para duas pessoas, de Kurzbach, onde dormiam numa granja sob um frio intenso, ao bosque de Fürstenfelde, depois voltavam a Kurzbach – 15 km de caminhada em cada direção. A carga era pesada, principalmente para mulheres subalimentadas – comiam apenas um caldo servido uma vez por dia e uma pequena ração de pão – e sem roupa apropriada para enfrentar o frio. Quando não havia mais árvores para retirar os troncos, as mulheres tiveram que cavar trincheiras, um trabalho ainda mais pesado para elas. Entre os companheiros de trabalho estavam prisioneiros franceses, que precisavam enterrar madeira nas trincheiras como proteção contra as bombas. Segundo Ella,

Quando não havia SS eles nos diziam como estava a guerra, que logo terminaria. As mulheres colocavam um papel com uma pedra e o atiravam... Havia dois vigilantes que eram bons, olha-

vam para outro lado. Só diziam que fizéssemos rápido, porque se não os pegariam. Mas as mulheres não lhes davam atenção, isso foi ruim. Eles tinham medo, mas queriam ajudar-nos. (MAGNUS, 2006, p. 63)

À pergunta de Ariel a Ella, sobre se era verdade que em Auschwitz se roubava muito, ela respondeu: “Me roubaram os tamancos; estive descalça por dias inteiros.” E à pergunta de como conseguiu tamancos novos, ela disse: “Olha, as pessoas morriam na tua frente. Agarrei de alguém que não os necessitava mais. Não eram do meu tamanho.” (MAGNUS, 2006, p. 107)

Ariel perguntou ainda se a avó se recordava de algo especialmente cruel [em Auschwitz], ao que ela respondeu “Os guardas brincavam para se divertir jogando o boné. Jogavam o boné e mandavam a um prisioneiro buscá-lo, e então atiravam nele”. (MAGNUS, 2006, p. 107) E à pergunta se ela se lembrava de algo divertido, ela respondeu:

Recebíamos o caldo ao meio dia numa panela gigante e os encarregados de devolvê-la podiam raspar o fundo. Como a panela era maior que eu, eu precisava entrar na panela para raspar com nosso prato de lata. Porque tínhamos pratos de lata, [que] lavávamos com terra. Então eu me agachava e só se viam minhas pernas... (MAGNUS, 2006, p. 108)

A marcha da morte

Quando os russos começaram a avançar, [em janeiro de 1945] os nazistas começaram a esvaziar o campo de Auschwitz. Ella Michel participou de “uma das marchas da morte”, que “eram em torno de cem e nelas marcharam cerca de setecentos mil prisioneiros, dos quais a metade não chegou ao destino” (MAGNUS, 2006, p. 109, nota de rodapé).

No seu diário, descrito por Ariel Magnus (2006, pp. 59-65), Ella relata:

Em janeiro, deve ter sido nos primeiros dias, [não sei bem] porque não tínhamos calendário, tivemos que caminhar em oito dias 200 quilômetros, com os troncos nos ombros. Passávamos as noites em celeiros, porque os russos... estavam a 6 km. Cruzávamos com as caravanas, como chamavam a evacuação dos alemães. Iam com carroças puxadas por cavalos e com sua bagagem, acreditavam que éramos delinquentes porque não tínhamos cabelo e estávamos em farrapos e a SS gritava para nós: “Ladrões”.

Algumas mulheres se compadeciam de nós e mandavam a seus filhos atirar pão para perto de nós. Os garotos se aproximavam com o pão escondido, deixavam-no cair como que sem se dar conta e iam embora.

Ainda me lembro de algumas cidades: Wohlau, Striegau, Bautzen, Jauer, Gross-Rosen. (...) Era necessário que nos levassem antes dos russos até o outro lado do Oder...

Cruzamos o rio a bordo de tonéis de madeira, desses que se usam para coletar as uvas, íamos em dez a cada tonel, demorou muito cruzá-lo.

Quase não podíamos continuar caminhando, devido ao frio, os pés em parte congelados, as mulheres diziam que não podiam nem queriam mais, que as fuzilariam. Porque em Gross-Rosen havia um KZ e pelos muitos *Zählappell* com os quais nos mortificavam dia e noite, estávamos acabadas. Diariamente morriam muitas companheiras prisioneiras. De repente, nos conduziram com paus e cães a uma pequena estação de trem e nos apertaram em grupos de cem em um furgão de gado; além disso, tivemos que compartilhar o lugar com bicicletas da SS. Pelo que lembro de minhas horas de geografia, bordejamos o Saale,

via-se o Wartburg, depois Weimar... Como os Tommys [ingleses] acreditavam que se tratava de um trem militar, houve um grande bombardeio. Os SS fugiram até os refúgios e gritavam para nós que as que saíssem do vagão seriam fuziladas. Choviam bombas, muitas [mulheres] gritavam, porque havia muitos mortos. Eu recebi uma pedrada no seio esquerdo, sangrava, a meu redor havia muitos mortos.

Depois de ler esta parte, de acordo com Ariel, de repente a avó deixou de ler. “Se não fosse ela a leitora, penso, este final seria inadmissivelmente cruel, inclusive num romance.” (MAGNUS, 2006, p. 65) O relato de Ella Michel segue:

Paramos em Weimar e a meu redor estavam todos mortos. Eu pus minha cabeça dentro de uma bicicleta da SS. Naquela ocasião éramos cuidados por soldados que haviam lutado de '14 a '18, todos eles 20 anos mais velhos que nós. Um desses soldados abriu o vagão e disse: “Oh, está sangrando”. Abriu uma térmica com café, lavou-me e disse: “Agora, tome um pouco de café, aqui tem um pedaço de pão. Mas que ninguém a veja! Ali fora está a SS, esconda-se”. Eram dez soldados, dois deles eram bons... (MAGNUS, 2006, p. 65)

Ao chegar neste ponto, Ella disse: “creio que não escrevi mais. Usei o resto das folhas para reunir autógrafos de gente conhecida”. (MAGNUS, 2006, p. 65).

Em outra parte do livro, Magnus reporta outro relato de Ella Michel sobre a marcha:

(...) saímos de Auschwitz caminhando até Trachtemberg, próximo do Oder, havia bosques. Os poloneses sabiam que esta era a fronteira e se esconderam. Mas nosso vigilante nos dizia: “Permaneçam com a manada, é melhor...”. Eu pesava

35 quilos, mas andava com a manada. O pior foi [Bergen-Belsen], esta Irma Gresen, durante horas... Por isso, quando tua mãe diz vamos! vamos! eu escuto *Schneller, schneller!* “Mais rápido, mais rápido”. Não posso escutar isso, isso volta, eu havia esquecido. *Schneller, schneller!* Esta Irma Gresen andava sempre com seu cachorro e seu bastão, nos batia. Dez ou doze vezes ao dia havia *Zählappell* e era preciso ficar uma hora parados, se alguém caía ela mandava o cachorro ir em cima, ou ela vinha com as botas. Diziam que faziam isso quando alguém havia escapado, mas era mentira. De manhã, precisávamos arrancar raízes nas proximidades de Lüneburg, as famosas. Isso porque não havia trabalho. Colocavam o que levantávamos num utensílio para tecer e faziam correias para transportar os doentes. Mas já havíamos escutado as bombas e um guarda disse que logo terminava. Os que eram terríveis eram os jovens de 16 ou 17 anos que foram alistados mais tarde, o *Jungvolk*. Esses *Lumpen* [inferiores sociais] eram maus. Batiam na gente, eram uns descarados, nos chamavam de putas e não sei quantas outras coisas. Os que nos acompanharam na *langer March* eram soldados da Primeira Guerra, gente de 40 ou 50 [anos], que foram alistados mas eram gente. (MAGNUS, 2006, p. 109)

Quando Ariel pediu-lhe que contasse mais da marcha, ela disse “Não” e logo trocou de assunto. (MAGNUS, 2006, p. 109)

Sobre a liberação de Bergen Belsen, ela relata:

Foi em Bergen-Belsen, mas eu não lembro. Para que não me fuzilassem, eu havia começado a empilhar corpos. De quatro a quatro levávamos um morto e o atirávamos na pilha. Em algum momento não pude mais e me atirei sobre a pilha de mortos e então desmaiei. Levantei-me numa

cama que tinha lençóis de papel branco. Eu estava na casa que havia sido de Himmler. Eu pesava 35 quilos. (...) Havia presos políticos polacos e eles nos trataram horrendamente, nos batiam e nos tiravam o pão. Os ingleses não foram bons conosco; tiravam fotos de nós e riam. Logo depois da liberação, os ingleses nos deixaram semanas nas barracas. Os americanos ajudaram as pessoas, levavam os alemães no carro e iam até as casas e diziam: “Agarrem”.

Depois, quando chegaram os primeiros sobreviventes que vinham de Buchenwald procurando seus parentes, começaram a nos dar de comer. [Então], veio a Cruz Vermelha. Os que eram bons para nós eram os suíços. Queriam consolar-nos, um cigarro ou cinco balas. É claro que eu as guardava. Depois viajamos em trens cômodos, as mesas tinham papel branco. (MAGNUS, 2006, pp. 110-111)

“De Bergen-Belsen fomos a Lübeck e depois de navio até Helsingborg [Suécia]”. Na Suécia, Ella Michel ficou em quarentena, porque muitos viajantes tiveram tifo abdominal durante a viagem. Depois foi enviada a um acampamento, com outros sobreviventes.

Ao sentir-se mais segura, Ella Michel começou avaliar as possibilidades de emigração. No *Aufbau*, jornal que divulgava semanalmente quem se havia salvado, informou-se que ela estava entre os sobreviventes. “Os primos de minha tia [paterna] enviaram um telegrama desde América [ao Brasil]: Emma foi salva na Suécia; ocupem-se porque nós somos pobres soldados americanos e não podemos ajudar. E em seguida me escreveram do Brasil.” “No Brasil estava a prima de minha mãe e na América a sobrinha da tia Harzen. A família Harzen era uma grande família e foram para a América.” (...) “Os primos eram soldados americanos que leram no *Aufbau* o meu nome e em seguida... por-

que ninguém mais da família se comunicou, todos estavam mortos”. “Também poderia ficar na Suécia. Eu não quis ficar na Suécia, porque, como enfermeira, precisaria estudar mais cinco anos. Eu já tinha 25, 26 anos”. (MAGNUS, 2006, pp. 25-26)

Durante sua estadia na Suécia, Ella quis sair do acampamento onde estava, “porque as mulheres que lá estavam começaram [namoros] com os homens suecos e havia brigas”. Lembrou que, antes da guerra, em Hamburgo, havia cuidado de um homem idoso, que tinha uma filha na Suécia, a qual lhe havia escrito que, se sobrevivesse à guerra, deveria contatá-la. Então, com o endereço dela na memória, escreveu-lhe e recebeu um convite para ir a Estocolmo, pois a mulher e o filho conheciam uma idosa de 90 anos que precisava de companhia, um serviço que era fácil, porque ela tinha uma empregada. O filho desta mulher recomendou-lhe ir para o Brasil, dizendo “Aqui na Suécia não há futuro. Se teus parentes querem, a América do Sul, para vós, é futuro”. (MAGNUS, 2006, p. 27)

Numa carta que escreveu a Ray, em outubro de 1945, a avó de Ariel conta:

Ontem recebi um chamado da comunidade para ver se eu não queria trabalhar com eles como enfermeira, mas no momento minha vida é tão despreocupada, com um lindo quarto e minhas 80 coroas de salário estou satisfeita. Temos meio ano de autorização para permanecer na Suécia, o que ocorre depois não sei, em todo o caso não vou a A., não acredito que nos obriguem. (MAGNUS, 2006, p. 128)

Sobre a viagem ao Brasil, Ella comenta:

Olha [mostra uns papéis a Ariel], isto escrevi no navio. Uma colega do KZ, do campo de concentração, me deu de presente um diário. Estava

escrito na dedicatória: *Mach' es wie die Sonnenuhr: zähl die heitren Stunden nur!* Faz como o relógio solar: conta somente as horas sem nuvens. Isto foi no dia 18 de setembro de 1946. No meu aniversário, no dia seguinte, fui de avião de Estocolmo a Paris e de trem até Rouen [França]. Em Rouen havia greve e não pudemos subir no navio. Ficamos hospedados no hotel Dieppe, onde chovia dentro. (MAGNUS, 2006, p. 23)

Em 27 de setembro de 1946, Ella Michel viajou de navio de Rouen para o Rio de Janeiro, vindo a instalar-se em Porto Alegre junto a seus parentes. A Cruz Vermelha sueca pagou sua passagem. Casou-se um ano depois de chegar a Porto Alegre e teve dois filhos. Disse ao neto-entrevistador “Casei-me para ter novamente uma mesa. Uma mesa com pessoas”. (comentário ao lado de uma foto com o marido e parentes, entre as páginas 80 e 81 do livro de Ariel Magnus)

Anos mais tarde, em suas viagens à Europa, Ella Michel visitou os campos de concentração onde esteve como prisioneira e assim relata sobre eles.

Nós, os KZ [campos de concentração], juramos não voltar ao país que nos havia tratado tão mal. Em Theresienstadt, lembrei alguns versos de Chamisso que havia aprendido na escola: “*Sie selbst ist nun verfallen, die Stätte wüst und leer / Du fragest nach den Menschen, du findest sie nicht mehr*”; Ela mesma está agora desmoronada, as instalações vazias e desérticas / Perguntas pelas pessoas, mas já não as encontra”. O poema diz *Riesen* [gigantes] em lugar de *Menschen* [pessoas], mas eu mudei-o. E em Bergen-Belsen havia um montículo e eu pedi perdão por não haver cumprido com minha palavra. Tinha remorsos. Para mim foi um alívio tê-lo feito, fez-me sentir bem. Por mais que tenha sido difícil e caro. Por

isso fui, se não, não teria ido, devido à asma. Ocorre que no Brasil não há nada... A cada dois anos as enfermeiras alemãs temos direito a uma cura, eu também. Preciso pagar a passagem e agora que tenho condições estou indo a cada dois anos, antes ia de vez em quando. Faço inalações contra a asma, mas sempre peço para sentar sozinha à mesa, não quero saber nada com os alemães.

[À pergunta do entrevistador, “Como te sentistes nos KZ agora que voltastes a visitá-los?”, respondeu] Eu estava tranquila, olhei um pouco ao redor. O tremendo foi em Auschwitz, lá me senti mal. Mas em Bergen-Belsen não. Havia alemães e uma escola francesa. Eu estava com uma conhecida de Hamburgo. E ela disse: “ela esteve aqui”. Então, um homem aproximou-se e falou se poderia fazer-me algumas perguntas. Os alemães escutavam. Então eu disse: “tudo o que veem aqui é pouco, era muito pior”. Sozinha, não digo nada, unicamente quando me perguntam dou uma resposta. Eu não quero ser uma *coitadinha*, uma compadecida. Tenho minha liberdade e ganhei meu próprio dinheiro. Nunca precisei de ninguém. Criei bem a dois filhos, quando vim ao Brasil trabalhava dia e noite...

[À pergunta do entrevistador, “Não será que o reprimistes?”, ela respondeu] Escuta uma coisa: se tenho minha liberdade e tudo, não é preciso sempre... É igual quando estás magoada com alguém e sempre de novo... Isso não se faz. *Schluss*. Basta. [Ao comentário de Ariel, “É admirável que tendo sobrevivido a tudo isso, depois...”, ela disse:] É minha força interior. O médico me perguntou por que me casava e trazia crianças ao mundo... [Porque vistes o pior] Vi o diabo. Não, digamos que vi o inferno. Mas escuta, eu não poderia ter me casado para encher a cabeça do meu marido com o meu passado.

[À pergunta “O que sentistes ao ver [o filme] ‘A lista de Schindler’?”, ela respondeu] Isso me deixou fria. Eu já passei isso. Tenho minha liberdade, e a liberdade é tão importante. A palavra é pequena mas o conteúdo é imenso, no mundo... Não sei se me explico, talvez eu seja um pouco teatral, mas digo o que sinto. E é a verdade: a liberdade é o maior que existe, em qual idioma: *liberdade*. (MAGNUS, 2006, pp. 121-124).

Com este último relato, Ella Michel deixou um recado: “A liberdade é o maior valor que existe”.

Considerações finais

No texto, acredito ter justificado a ida voluntária de Ella Michel para dois campos de concentração com base na caracterização dos tipos ideais de ação social formulada por Max Weber, substanciada no relato da sobrevivente e na análise dos contextos em que foram tomadas suas decisões. A meu ver, não há dúvidas sobre a racionalidade de suas ações com base em valores.

O texto possibilita ainda, com apoio em Michael Pollak, entender-se o silêncio de Ella Michel. No artigo “Memória, esquecimento, silêncio” (POLLAK, 1989), o autor comenta o silêncio dos sobreviventes dos campos de concentração que, após serem libertados, retornaram à Alemanha ou à Áustria.

Seu silêncio sobre o passado está ligado em primeiro lugar à necessidade de encontrar um *modus vivendi* com aqueles que, de perto ou de longe, ao menos sob a forma de consentimento tácito, assistiram à sua deportação. Não provocar o sentimento de culpa da maioria torna-se então um reflexo de proteção da minoria judia. Contudo, essa atitude é ainda reforçada pelo sentimento de culpa que as próprias vítimas podem ter, ocul-

to no fundo de si mesmas. É sabido que a administração nazista conseguiu impor à comunidade judia uma parte importante da gestão administrativa de sua política antisemita, como a preparação das listas dos futuros deportados ou até mesmo a gestão de certos locais de trânsito ou a organização do abastecimento nos comboios. Os representantes da comunidade judia deixaram-se levar a negociar com as autoridades nazistas, esperando primeiro poder alterar a política oficial, mais tarde “limitar as perdas”, para finalmente chegar a uma situação na qual se havia esboroadado até mesmo a esperança de poder negociar um melhor tratamento para os últimos empregados da comunidade. Esta situação, que se repetiu em todas as cidades onde havia comunidades judaicas importantes, ilustra particularmente bem o encolhimento progressivo daquilo que é negociável, e também a diferença ínfima que às vezes separa a defesa do grupo e sua resistência da colaboração e do comprometimento.

Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta.

Outro aspecto que me parece instigante é a busca de respostas para explicar se algumas pessoas sobreviveram a situações extremas por sorte, fatalidade ou por possuírem algumas características específicas. Neste sentido, é importante considerar-se as análises de Bettelheim (1979) e Pollak (2010). Para Bettelheim, as chances de sobrevivência na situação de opressão extrema dependem muito da força que o prisioneiro consegue opor aos mecanismos de desintegração de sua personalidade. Pollak (2010, p. 46), por sua vez, sem negar os argumentos de Bettelheim, diz que apenas os prisioneiros que conseguiam preservar seu amor-próprio eram capazes de suportar por longo tempo o tratamento a eles infligido no campo.

O autor também destaca a importância, para a sobrevivência, de saberes práticos, de competências linguísticas e da capacidade de decodificar rapidamente situações e relações, mas, ao mesmo tempo, reconhece que a sorte, “felizes coincidências” ou “milagres divinos” podem explicar a sobrevivência. Neste sentido, a sobrevivência de Ella Michel é um exemplo das características apontadas por esses pesquisadores: sorte, felizes coincidências, sua capacidade de tomar decisões racionais com base na análise dos contextos e das possibilidades existentes, sua vontade de viver e a manutenção de sua preocupação com os outros, além da força interior. Adicionalmente, por ser alemã, ela tinha vantagens em relação a prisioneiras polonesas, tchecas ou de outras nacionalidades que somente falavam a língua de seus respectivos países, o que lhe permitia entender e obedecer às ordens que lhes eram dirigidas.

NOTAS

1 Agradeço ao historiador gaúcho René E. Gertz que me indicou o livro de Ariel Magnus, a Hedy Hofmann, que relatou fatos sobre Ella Michel e colocou-me em contato com seu filho e às duas pareceristas *ad hoc*, que, com suas avaliações competentes, contribuíram para a rescrita deste artigo, sobre o qual a responsabilidade final é somente minha.

2 No dia 24 de novembro de 1941, os nazistas abriram o campo de concentração de Theresienstadt na República Tcheca, para o qual foram deportados milhares de judeus, vindos da Dinamarca, da Áustria, da França e de outros países europeus. Apesar de ser considerado pelos nazistas como um gueto-modelo, para fins de demonstração ao exterior, Theresienstadt era o ponto de concentração dos judeus, depois levados às câmaras de gás dos campos de extermínio (de um total de mais de 140 mil pessoas que passaram pelo campo, 90 mil foram enviadas para os campos de extermínio). Com o desenvolvimento da guerra, a população do campo foi aumentando, e com isso

ampliaram-se a fome e as epidemias; no total, faleceram 34 mil pessoas. Em maio de 1945, quando chegaram os Aliados, restavam 16 mil sobreviventes. (“Theresienstadt”, *Holocaust Encyclopedia*, United States Holocaust Memorial Museum – <https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005424>). Consulta em 10 de outubro de 2014.

3 Auschwitz foi criado próximo a Cracóvia, na Polônia, sendo o maior complexo de campos de prisioneiros estabelecido pelos alemães. Nele se localizavam um campo de concentração, um de extermínio e outro de trabalho escravo. Constituíam o conjunto do complexo de Auschwitz: Auschwitz I (cuja construção foi iniciada em maio de 1940); Auschwitz II (Birkenau) (cuja construção foi iniciada em 8 de outubro de 1941 e onde, entre maio e junho de 1943, foram construídos quatro grandes prédios para cremação de prisioneiros) e Auschwitz III (Monowitz) (estabelecido em outubro de 1942 para fornecer escravos para a fábrica de borracha sintética de Buna, parte do conglomerado de indústrias alemães I. G. Farben). Em Auschwitz I, aqueles que eram escolhidos para o trabalho forçado eram registrados e tatuados no braço esquerdo com um número de identificação e em seguida enviados para o trabalho forçado no complexo de campos de Auschwitz ou em um dos muitos subcampos de Auschwitz III. Mais de um milhão de pessoas morreram em Auschwitz, e nove entre cada dez vítimas eram judias. As quatro maiores câmaras de gás daquele local comportavam, cada uma, duas mil pessoas para serem mortas por asfixiação, podendo assim assassinar oito mil pessoas em pouquíssimo tempo. (United States Holocaust Memorial Museum, Washington, DC). Em 27 de janeiro de 1945, o exército soviético entrou em Auschwitz e libertou alguns milhares de prisioneiros que ainda lá estavam. Pouco antes de sua chegada, quase 60.000 prisioneiros, a maioria judeus, foram levados em uma marcha da morte pelos alemães para que não sobrevivessem. Durante a evacuação forçada de Auschwitz, os prisioneiros eram brutalmente maltratados e muitos foram assassinados. Os guardas das SS atiravam em qualquer pessoa que não conseguisse reunir forças para andar na marcha da morte e ficasse para trás. Durante o curto período de atividades de Auschwitz (20 maio de 1940 a 27 de janeiro de 1945), aproximadamente um milhão de judeus, 70.000 a 74.000

poloneses, 21.000 romanis (ciganos) e cerca de 15.000 prisioneiros de guerra soviéticos foram trucidados pelos nazistas neste campo. (United States Holocaust Memorial Museum, Washington, DC)

4 MAGNUS, Ariel. *La abuela*. Buenos Aires: Planeta, 2006. Neste livro, o autor refere-se à sua avó como *Oma, la abuela* e chamava-a Emma.

5 Mayer é o sobrenome de casada de Ella Michel. Preferi manter o sobrenome Michel no texto porque era assim que se chamava antes de sua vinda ao Brasil. Nos documentos e fotos incluídos no livro de Magnus entre as páginas 80 e 81, onde aparecia o nome de sua avó, seu nome foi rasurado. Entretanto, num cartão postal enviado de Theresienstadt pela mãe de Ella à sua irmã Alice Hartmann, em 11 de junho, o nome da remetente aparece como Bertha Michel.

6 Uma indexação do depoimento de Ella Michel está disponível no link <http://vhaonline.usc.edu/printTestimony.aspx?testimonyID=2105>, que contém também algumas informações sobre a entrevistada, tais como data do nascimento (19 de setembro de 1920), local de nascimento (Westhofen, Hesse, Germany), identidade religiosa (judaísmo tradicional), gueto (Theresienstadt, Czechoslovakia: Ghetto), Campos [Auschwitz II-Birkenau (Poland: Death Camp), Bergen-Belsen (Germany: Concentration Camp) e Ross Rosen (Germany: Concentration Camp)], participação em marchas forçadas (Forced – death – marches: Yes), não foi para esconderijo e não fez parte de grupos de resistência, local de libertação (Bergen-Belsen, Germany), liberada pelas forças armadas britânicas, local da entrevista (Argentina), idioma da entrevista (Português), duração da entrevista (01:35:14). Nos segmentos da entrevista, menciona os pais (Albert Michel e Berta Michel) e a irmã (Irma Michel), locais onde viveu [Westhofen (Hesse, Germany), Wuppertal (Germany), Hamburg (Germany)], o progrom de 9-10 novembro de 1938 na Alemanha, o conhecimento sobre assassinatos em massa, procedimentos de deportação, deportação de Hamburg (Germany) para Theresienstadt (Czechoslovakia: Ghetto); também falou sobre Theresienstadt, sobre a alimentação dos prisioneiros, dos médicos prisioneiros e sobre o dr. Baeck, funcionário prisioneiro; deportação de Theresienstadt para Auschwitz II-Birkenau, sobre os prisioneiros em Auschwitz e o destino da mãe, Berta Michel;

campo de concentração Reichenbach, na Alemanha, em 1944; marcha forçada, transferência do campo de concentração Reichenbach para o campo de concentração Bergen-Belsen, na Alemanha; transferências, meios de transporte; campo de concentração de Bergen-Belsen (de 1º de janeiro a 7 de maio de 1945); condições de vida no campo; condições físicas no campo de prisioneiros; cadáveres do campo; condições físicas por ocasião da libertação, em 7 de maio de 1945; cuidados médicos em Helsingborg (Suécia); Landskrona e Malmö (Suécia); Stockholm (Suécia – Província); membros da família extensa; atitudes em relação à Suécia e aos suecos; migração internacional, da Suécia para o Brasil; Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil); aculturação; filhos (Edgar Mayer e Eliane Magnus); recitais literários; atitudes em relação ao Brasil e aos brasileiros; marido (Franz Mayer); netos (Ariel Magnus, Daniela Magnus, Ricardo Magnus).

7 Todos os trechos reproduzidos neste artigo, cujos originais estão nas referências estão em espanhol, francês e inglês, foram traduzidos por mim ao português.

8 Por exemplo, no livro de Ariel Magnus (2006), o nome do homem com quem ela havia conversado por ocasião do transporte para Auschwitz foi escrito como Dr. Beck, o qual, por sua descrição, provavelmente era membro do *Judenrat* (“Conselho Judaico”, formado por judeus, era um corpo administrativo designado pelos nazistas para intermediar os contatos entre os judeus e os alemães). Na busca de informações sobre ele, confirmei que se tratava do rabino Leo Baeck (deportado para Theresienstadt em 27 de janeiro de 1943 e “chefe honorário” do Conselho dos Anciãos – *Judenrat*, naquele campo). Alguns detalhes obtidos no livro de Erik H. Boelm (*We Survived: Fourteen Histories of the Hidden and Hunted in Nazi Germany*. Basic Books, [1949], 2009), consultado no Google Books em 30/09/2016, confirmaram essa informação e também alguns detalhes fornecidos por Ella Michel (que, no depoimento dado à *Shoah Foundation*, informou que, quando chegou a Theresienstadt, encontrou pessoas conhecidas, como a Dra. Nelie Stern, sobrinha do Dr. Baeck, o qual também tinha duas irmãs em Theresienstadt). Em sua função de chefe honorário do *Judenrat*, Baeck tinha controle sobre as listas de prisioneiros a serem incluídos nos transportes. Após a guerra, Leo Baeck fixou residência em Londres,

Inglaterra, onde foi diretor da *World Union for Progressive Judaism*.

9 Na entrevista que Michel Pollak fez com Ruth A., primeiramente foi agendado um encontro, no apartamento da entrevistada, para permitir uma “apresentação” e o estabelecimento de confiança entre eles. Pollak (2010, p. 10) considerava que “uma entrevista destinada a registrar a história de uma vida necessita do estabelecimento de uma relação de confiança”. Outros encontros foram necessários, com Ruth e seus amigos, até que a relação de confiança fosse confirmada e a entrevista prosseguisse com vários encontros de aproximadamente quatro horas cada um.

10 Em setembro de 1935, as Leis de Nuremberg definiram detalhadamente quem era “judeu”, limitando os direitos de judeus e não judeus alemães de manter relações sexuais ou de casar com parceiros de sua escolha (a “Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemã”), e revogaram os direitos de cidadania ampla dos judeus (“A Lei de Cidadania do Reich”) (KAPLAN, 1998, p. 42)

11 Friedlander (1994) relata que logo após a eleição de Hitler ao poder, em 1933, foram criadas as condições políticas necessárias para traduzir sua ideologia de desigualdade [racial] numa política de exclusão, ao mesmo tempo em que as elites burocráticas, profissionais e científicas forneciam a legitimidade que o regime necessitava para a implementação desta política.

(FRIEDLANDER, 1994, p. 496) Em 1938, com a proximidade da guerra, Hitler decidiu promover a eliminação total das vítimas por meio de assassinados em massa, começando pelos portadores de deficiência – inicialmente as crianças e a seguir, no verão de 1939, os adultos. Para executar-se essas matanças foram estabelecidos centros de morte baseados num “processo” baseado no modelo da produção industrial. Quando as matanças de portadores de deficiência tornaram-se amplamente conhecidas na Alemanha e a opinião pública mostrou-se hostil aos dirigentes, os nazistas fecharam esses centros e passaram a implementar as matanças de judeus pelos

Einsatzgruppen que se dirigiam para o Leste da Europa. No caminho, como relata Harran (2000, p. 236), foram assassinados os judeus de diversas cidades e povoados da Lituânia (como em Kovno, onde, em julho de 1941, foram executados a tiros 130 mil judeus – homens, mulheres e crianças –, na periferia da cidade; e em

Bialystock, Polônia, onde centenas de judeus foram queimados vivos por uma unidade alemã motorizada). De acordo com Harran (2000, p. 236), “cerca de 1,3 milhões de judeus (quase um quarto de todos os judeus que morreram durante o Holocausto) foram mortos, um a um, pelos 3.000 homens organizados em quatro *Einsatzgruppen* que se dirigiam em direção ao leste no verão de 1941. As vítimas eram forçadas a desfazer-se de seus objetos de valor e desvestir-se. Logo a seguir, eram assassinadas a tiros nas beiras das ravinas ou túmulos coletivos que às vezes as próprias vítimas eram obrigadas a cavar.” Nesse período, já estavam sendo construídos os centros de morte para judeus, que foram abertos pouco tempo depois: Chelmo, em dezembro de 1941, Belzec em março de 1942, Sobibor em maio de 1942, Treblinka em julho de 1942. (FRIEDLANDER, 1994, p. 499) De acordo com Friedlander (2000, p. 499), os ciganos tiveram tratamento semelhante ao destinado aos judeus, igualmente por motivos raciais.

12 No livro *Em terras gaúchas: A história da imigração judaico-alemã*, organizado por Gladis Wiener Blumenthal, publicado pela SIBRA em 2001, no capítulo “Mapeamento das famílias de imigrantes”, p. 242, informa-se que Ella Michel, prima de Hugo Herz, casou com Franz Mayer (no livro de Magnus consta que, antes de vir a Porto Alegre, ele vivia em Caxias do Sul) e que chegou a Porto Alegre em 1946. Hugo Herz e sua irmã Hilde vieram para o Rio de Janeiro em 1933 e para Porto Alegre em 1938. Seus pais, Emmanuel e Frida Herz, junto com o irmão Karl Herz, imigraram em 1936 para o Rio de Janeiro e em 1938 chegaram a Porto Alegre. Karl Becker (que casou com Hilde Herz), primo de Hugo, e sua mãe Paula, vieram primeiramente para o Rio de Janeiro (ele em 1935, ela em 1936) e em 1938 para Porto Alegre. Gerda Kahn, prima de Hugo, chegou a Porto Alegre em 1938 e casou-se com Siegfried Kronfeld. Ella Michel, prima de Hugo, chegou a Porto Alegre em 1946 e casou-se com Franz Mayer no ano seguinte. (Blumenthal, 2001, p. 242).

13 Bergen-Belsen foi criado em 1940 como um campo de prisioneiros de guerra franceses e belgas e, em 1941, foi renomeado *Stalag 311* e abrigava cerca de 20 mil prisioneiros russos. Em 1943, foi transformado num campo de concentração, com o nome Bergen-Belsen. Judeus com passaportes estrangeiros eram mantidos lá para serem

trocados por prisioneiros alemães capturados em outros países (cerca de 200 judeus foram autorizados a imigrar para a Palestina e 1.500 judeus húngaros puderam imigrar para a Suíça, trocados por alemães nativos). Até a primavera de 1944, as condições no campo eram relativamente boas, comparativamente a outros campos de concentração, mas depois começaram a se deteriorar rapidamente. Em março de 1944 o campo de Bergen-Belsen foi transformado num campo de “recuperação”, para onde eram trazidos de outros campos prisioneiros muito doentes para trabalhar, embora nenhum recebesse tratamento. À medida que o exército alemão recuava, com o avanço das tropas aliadas, os campos eram evacuados e seus prisioneiros enviados para Bergen-Belsen. A estrutura do campo não tinha condições de acomodar os milhares de prisioneiros que chegavam, e todos os serviços básicos – comida, água e saneamento – entraram em colapso, provocando o surgimento de doenças, principalmente tifo (que acabou matando Anne Frank e sua irmã Margot, junto com outros prisioneiros). Mais de 35 mil pessoas morreram de fome, excesso de trabalho, doença, brutalidade e experimentos médicos sádicos. Em abril de 1945, mais de 60 mil prisioneiros estavam encarcerados em Bergen-Belsen, dos quais quase 14 mil morreram em decorrência de fraqueza e doença (tifo) após a libertação. Em julho de 1945, seis mil ex-prisioneiros foram levados pela Cruz Vermelha para convalescência na Suécia, enquanto que os demais permaneceram em Bergen-Belsen, que se transformara num campo para pessoas deslocadas, enquanto aguardavam repatriação ou emigração. (U.S. Holocaust Memorial Museum; Encyclopedia Britannica; Simon Wiesenthal Center Multimedia Learning Center Online; Georgia Tech Library; United States Holocaust Memorial Museum; “Rebirth after the Holocaust: The Bergen-Belsen Displaced Persons Camp, 1945-1950.” Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org>.) Consulta em: 26/10/2014.

14 Michel Pollak. “La gestion de l’indicible”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 62-63 [L’illusion biographique], juin 1986, pp. 30-53.

15 O conteúdo do resumo de Ariel Magnus confere com o depoimento de Ella Michel à *Shoah Foundation (Fundação Shoah)*.

16 No depoimento à *Fundação Shoah*, Ella informa que os

pais se divorciaram em 1927, quando ela tinha aproximadamente sete anos de idade.

17 Entre maio e dezembro de 1940, “as autoridades alemãs expulsam cerca de 55.000 judeus da Cracóvia para a área rural que a cerca”. Em 21 de março de 1941, “as autoridades alemãs criam um gueto na cidade, no qual obrigam os judeus remanescentes a viver. Localizado no bairro de Podgórz, ele abriga entre 15.000 a 20.000 judeus”. Em junho de 1941, “as SS e o Chefe de Polícia da Cracóvia criam um campo de trabalhos forçados [escravos] – Cracóvia-Plaszow – para onde são enviados os judeus. No ano seguinte, as SS e a polícia estabelecem mais oito campos de trabalhos forçados para os judeus em Plaszow, estando o campo central localizado na rua Jerozolimska”. Em março de 1941, “as SS e a polícia deportam 1.500 judeus do gueto da Cracóvia, para o campo Cracóvia-Plaszow e, de lá, para o centro de extermínio de Belzec”. (“Cracóvia: Linha Cronológica”, *Enciclopédia do Holocausto*, United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007458>. Consulta em: 16 de junho de 2016.

18 De acordo com Viktor Frankl, “Quem não vivenciou pessoalmente a situação reinante num campo de concentração não faz a menor ideia da radical insignificância a que se reduz o valor da vida do indivíduo ali internado”. “Os [enfermos] destinados para o transporte, aqueles corpos consumidos, são simplesmente jogados em cima de carretas de duas rodas, puxadas então pelos próprios prisioneiros, quilômetros a fio, em plena nevasca. Se alguém já estava morto, tinha que ir junto assim mesmo. A lista tinha que conferir! A lista é o principal, a pessoa somente importa na medida em que tem um número de prisioneiro, representando literalmente apenas um número. Viva ou morta – não vem ao caso. A ‘vida’ do ‘número’ é irrelevante. O que está por trás deste número, o que representa esta vida, é menos importante ainda: o destino – a história – o nome de uma pessoa. Por exemplo, naquele transporte de doentes em que, na qualidade de médico, fui transferido de um campo bávaro para outro, havia um jovem companheiro que teria de deixar para trás seu irmão, porque este não estava na lista. Ficou pedinchando junto ao chefe do campo até que este resolveu trocar um que estava na lista, mas queria cair fora no último instante, pelo

tão amado irmão. Mas a lista precisava ser cumprida! Nada mais fácil: o irmão simplesmente adotou o número de prisioneiro, nome e sobrenome do companheiro que ficaria em seu lugar, e vice-versa; pois, como já mencionamos, todos no campo de concentração há muito já não mais possuíam seus documentos, e cada um se dava por feliz quando podia considerar propriamente seu nada mais que este seu organismo ainda a respirar, apesar de tudo.” (FRANKL, 1984, pp. 34-35)

19 *Schutztaffel* (SS) palavra alemã para “Tropas de Proteção”, unidades paramilitares nacional-socialistas organizadas pelo Ministro do Interior do III Reich, Heinrich Himmler e formada por grupos de extermínio, polícias, guardas dos campos de concentração e extermínio, entre outros. (LEVY, 2014, p. 191)

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. *Survivre*. Paris: R. Laffont, 1979.
- BLAU, Bruno. “Entwicklung der jüdischen Gemeinde Berlin” in *Der Weg*, 5, 29.3.1946.
- BLUMENTHAL, Gladis Wiener (org.) *Em terras gaúchas: a história da imigração judaico-alemã*. Porto Alegre: SIBRA – Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência, 2001.
- BOTZ, Gehrard; POLLAK, Michael. “Survivre dans un champ de concentration”. Entretien avec Margareta Glas-Larsson commenté par Gerhard Botz et Michael Pollak. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 41, février 1982, pp. 3-28.
- DINIZ, Tailor. *A Sobrevivente A21646*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. [biografia de Hertha Spier]
- ELSBY, Liz. “Coping through Art – Friedl Dicker-Brandeis and the children of Theresienstadt”. *The International School for Holocaust Studies. Yad Vashem*, Jerusalem, Israel. Disponível em: http://www.yadvashem.org/yv/en/education/newsletter/27/coping_art.asp#!prettyPhoto. Consulta em: 16 de junho de 2016.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Tradução de Walter O. Schupp e Carlos C. Aveline. Porto Alegre: Sulina; 1987; São Leopoldo: Sinodal, 1987, 174p. Exemplar consultado, edição de 1984, disponível em: <http://gropius.awardspace.com/ebooks/frankl.pdf>, com 88 páginas. Consulta em: 20/10/2014.
- FRIEDLANDER, Henry. “Step by Step: The Expansion of Murder, 1939-1941”. *German Studies Review* 17, no. 3 (1994), pp. 495-507.
- GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber*. Tradução de Maria do Carmo Cary. 4a ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- KAPLAN, Marion A. *Between Dignity and Despair: Jewish Life in Nazi Germany*. New York-Oxford: Oxford University Press, 1998.
- HARRAN, Marilyn J. *The Holocaust Chronicles: A History in Words and Pictures*. Lincolnwood, IL: Publications International, 2000. Disponível em: <http://www.holocaustchronicle.org/StaticPages/236.html>. Consulta em: 9/09/2016.
- LERNER, Kátia. *Memórias da dor: coleções e narrativas sobre o Holocausto*. Brasília: MinC/IBRAM, 2013.
- LEVY, Sofia Débora. *Holocausto: vivência e retransmissão*. São Paulo: Perspectiva: Conib, 2014.
- MAGNUS, Ariel. *La abuela*. Buenos Aires: Planeta, 2006.
- NAMER, Gerard. *Mémoire et société*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1987.
- POLLAK, Michael. “A gestão do indizível”. *WebMosaica*, v.2 n.1, janeiro-junho 2010, pp. 9-49.
- _____. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, pp. 3-15.
- _____. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.
- _____. *L'expérience concentrationnaire: essai sur Le maintien de l'identité sociale*. Paris: Éditions Métailié, 1990.

Recebido em: 21/06/2016
Revisado em: 10/11/2016
Aceito em: 1º/12/2016